



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

GEOGRAFIA E LITERATURA, MIGRAÇÃO E EXISTÊNCIA: O TRANSMUNDO DE MONSALIM

GEOGRAPHY AND LITERATURE, MIGRATION AND EXISTENCE: THE TRANSWORLD OF THE MONSALIM

(Recebido em 24-05-2018; Aceito em: 02-12-2019)

Eguimar Felício Chaveiro

Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo
Professor do Curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás
eguimar@hotmail.com

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás
Professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás
ricardoassisgeo@hotmail.com

Ronan Eustáquio Borges

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Professor do Curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás
ronanborges@ufg.br

Resumo

Uma leitura geográfica do espaço e do sujeito que busca a interpretação integrada entre ciência e arte, objetividade e subjetividade, concreto e simbólico, não omite as contribuições da literatura. Neste sentido, acredita-se que a voz literária enriquece e alarga a ação científica do geógrafo, seu modo de ver, desvendar e dizer o mundo. Em diferentes gêneros como poema, conto e romance, a literatura deixa inscrita as marcas de tempos e espaços, sua densidade econômica, antropológica, cultural e geográfica. Há neles cartografias da vida concreta e suas referências simbólicas, sociais e políticas. Sendo assim, as reflexões apresentadas neste texto baseiam-se na leitura do romance "Minha querida Beirute", do escritor Miguel Jorge. O núcleo central da leitura é o processo migratório. Tratar-se-á de mostrar como o literato, em sua obra, "pisa o chão" revelando o sentido pedagógico do gênero romance: a sua capacidade de, por meio de uma história imaginada, dizer o inacabamento humano a partir da crítica de um tempo e as implicações dos conflitos, guerras e migrações forçadas que desenham a geopolítica global. O texto ainda sublinha as inesgotáveis possibilidades de diálogos entre geografia e literatura ao ampliar leituras do mundo, do espaço, do sujeito e da existência.

Palavras chave: Geografia; Literatura; Espaço; Migração.

Abstract

A geographical reading of space and the subject that seeks the integrated interpretation between science and art, objectivity and subjectivity, concrete and symbolic, does not omit the contributions of literature. In this sense, it is believed that the literary voice enriches and broadens the scientific action of the geographer, his way of seeing, unveiling and telling the world. In different genres as poem, short story and novel, literature inscribes the marks of times and spaces, its economic, anthropological, cultural and geographical density. There are in them cartographies of concrete life and theirs symbolic, social and political references. Thus, the reflections presented in this text are based on the reading of the novel "My dear Beirut", by the writer Miguel Jorge. The central core of reading is the migratory process and its extension. The present reflection analyses how the writer, in his work, "treads the ground" revealing the pedagogical sense of the novel genre: its ability to, through imagined history, speak of human incompleteness from the critique of time and the implications of the conflicts, wars, and forced migrations that shape global geopolitics. The text still underlines the inexhaustible possibilities of dialogues between geography and literature as it widens readings of the world, space, subject and existence.

Key words: Geography; Literature; Space; Migration.

Introdução

Autores que se ocupam em investigar o pensamento e a epistemologia geográfica como Moreira (2007) e Amorim Filho (2015) esboçam uma constatação: os geógrafos mais antigos, mesmo quando a Geografia não tinha se instituído de maneira sistematizada, já exploravam as contribuições da literatura, assim como os literatos recorriam aos saberes de lugares e de regiões ou, ainda, no que se denomina espaço do romance. Se for verdade que o enredo e a ação das personagens ocorrem num espaço, é igualmente legítimo que o geógrafo, ao interpretar o espaço, recorra às narrativas produzidas pelo engenho literário. Assim, Geografia e Literatura estão juntas desde sempre, embora no pensamento moderno, com a especialização dos saberes, houve uma fragmentação entre os campos da ciência e da arte.

No interior de um conjunto de pesquisas desenvolvidas por autores como Amorim Filho (2006), Suzuki (2008), Marandola Jr. e Gratão (2010) o presente texto aproveita as contribuições da aproximação entre Geografia e Literatura ao propor uma "análise lítero-geográfica" do romance Minha querida Beirute, de Miguel Jorge. E, ao fazê-la, dialoga com temas que atravessam a sociedade contemporânea, como a migração internacional.

Por conseguinte, os trabalhos desenvolvidos a partir da intersecção entre geografia e literatura têm feito usos de diversas categorias geográficas. Na presente pesquisa, para interpretar a migração internacional e seus efeitos na existência, propõe-se como categoria mediadora o território. Os estudos de migração, tal como o diálogo entre geografia e literatura, são afeitos a diferentes escalas. No caso

específico das investigações apresentadas neste texto, ao compreender a migração internacional e seus efeitos na existência pela via do território, considera-se a ordem de três escalas: a escala geopolítica, na qual o migrante de família libanesa assolado por uma região de conflito que leva a um estado permanente de guerra procura outras zonas de vida e trabalho; a escala nacional, isto é, a maneira pela qual a sociedade brasileira acolhe o migrante, e a maneira pela qual o sujeito desenvolve a sua territorialização no Brasil; e por fim, a escala do lugar, bastante afeita à narrativa de Monsalim, esse personagem imbricado na tessitura de uma existência fadada ao delírio e, ao mesmo tempo, à luta pelo trabalho, age no lugar, e pelo lugar se constitui.

O romance é o gênero literário que expressa, com propriedade, o imaginário do sujeito moderno. Lançado num mundo de trepidações sociais, fadado ao controle das máquinas institucionais, atravessado por toda sorte de mitos, fantasias e crenças, o sujeito moderno é esse que tenta golpear o tempo, lograr um caminho racional que lhe sustém. Todavia, na modernidade que a sua existência é atropelada por um número de condicionantes variados, múltiplos, contraditórios, especialmente pelo que tenta dominar: a vertigem do tempo. O romance expressa esse sujeito, pois é o gênero que encerra os mais variados tecidos discursivos, formado por uma rede dialógica com outros discursos.

Não à toa que Octávio Paz (1956: 26) sintetiza “a literatura é a voz do homem e de seus problemas”. Ou seja: o romance permite o literato esmiuçar o drama humano, mostrar as colisões de si consigo mesmo, procurar hordas utópicas, inventariar o sem-número de possibilidades de ser. E mais: as situações dramáticas que envolvem o afeto, o desejo, a peleja do trabalho, a consciência, a finitude da carne ganham, no enredo e nas narrativas do romance, um lugar para expressar a loucura de viver – e para demonstrar a faculdade de construir a história, de contá-la e de dar-lhe sentido.

O literato brasileiro Cristovão Tezza (2012), cômico do lugar da literatura e do seu sentido no empreendimento cultural da modernidade, revela que não há como fugir do tempo. Independente do estilo, da técnica narrativa, do modo como produz as imagens e a história, a escrita do romance acerta conta com uma tradição literária, guiando-se dentro dela, opondo-se, extraviando-se. E toda tradição de alguma maneira é uma escrita de um tempo.

Desse modo, os móveis criadores do literato – direto, indireta ou obliquamente – nascem de um mundo objetivo e a ele retorna, daí vale precaver: não convém ao literato ter medo de colocar os pés no chão. Ou: a boa invenção une terra e céu, realidade e imaginação.

Miguel Jorge com o romance “Minha querida Beirute” (2012) põe os pés no chão – e voa. O literato, com o personagem – Monsalim – que ocupa a centralidade da história complexa, mostra um herói cheio de defeitos, carcomido por lembranças de sua terra natal, Beirute-Líbano, sovado por culpas, temores, usando a sedução, praticando o incesto, servindo da inteligência, debatendo com as

memórias saudosas de sua terra, com o assombro da guerra, para revelar pontos de um fenômeno moderno e contemporâneo: a migração forçada. E mais: as aberrações de Monsalim ganham tinos exemplificadores: está se tratando da condição humana que, no caso específico da história do livro, gravita em torno da vida de um sujeito expatriado pela guerra, que não quer perder as raízes e nem sabe fazê-lo. Mas tem a urgência de se adaptar à nova terra, embora como temor de se perder nela.

Dentre todos os temas que giram em torno da condição desse migrante que deixa a guerra, mas a guerra não lhe deixa, o autor percorre o transmundo de Monsalim, situando-o na ambiguidade de estar aqui com a consciência formada por lá; e de parecer não ter saído de lá embora negociando com as coisas daqui. Tal como o fez Milton Hatoum (2001) em “Os dois irmãos” e Raduan Nassar (1975) em “Lavoura arcaica”, a questão não é meramente o negócio difícil do sujeito transmudado: não esquecer de onde veio para não perder a consistência, assimilar o lugar que chegou para não perder a vida, mas se livrar de um punhal metafórico entalado em sua garganta, o punhal da guerra de estar vivo e morar em si mesmo sendo atravessado pelo tempo. O punhal que atinge a mente, o desejo, o afeto e daí a sexualidade, a visão de mundo.

As reflexões que virão se ocuparão em andar com Monsalim nas páginas do o “Minha querida Beirute” tomando como núcleo de leitura, o processo migratório e a sua extensão – e infinita – página dramática. Tratar-se-á de mostrar como o literato “pisa o chão” revelando o sentido pedagógico do gênero romance: a sua capacidade de, por meio de uma história imaginada, dizer o inacabamento humano a partir da crítica de um tempo. O texto ainda sublinha as inesgotáveis possibilidades de diálogos entre geografia e literatura ao ampliar leituras do mundo, do espaço, do sujeito e da existência.

O homem e as guerras: o motim do desejo

Valha o desfecho autonarrado pela personagem Monsalim ao ser inquirido “Você, quem é!”

Sou o Líbano. Sou Beirute. Sou o movimento
Das consciências que se entregaram a vários
Senhores. Sou a população das cidades tomadas
Pelas guerras. Os senhores que as manipulam de
Seus escritórios vivem dentro de mim.
Sou os diversos grupos étnicos e religiosos,
Mulçumanos, cristãos, as seitas alwita e druza,
Sou a Beirute reconquistada. Sou a costa
Do Mediterrâneo. Faço parte também dos
Habitantes que acreditam em outra
Cidade com portas abertas para o mundo,

Que existe outro lado, os que de longe chegam
E pedem para ser liberados das más estrelas.
Dizem que isso nunca vai acontecer, mas
Os mortos podem isso. Pedem paz e respeito
Às faces da cidade. E de onde se sabe, eles
Necessitam do referendo dos acordos para
Dormirem em paz (JORGE, 2012: 630).

O empreendimento criador do literato – Miguel Jorge - a partir da síntese do enredo visto neste poema confessional narrado por Monsalim dá sinais da substância de conhecimento de sua literatura: mostra que o sujeito não escapa do país, da sociedade e da cultura em que se formou. No caso específico da condição de migrante, o ensinamento é outro: quem migra leva consigo – dentro e fundo – os lugares de origem. Poder-se-ia dizer: o migrante é um carregador de lugares, um transmutante de mundos.

Como se sabe o Líbano, país situado na costa asiática oriental do Mediterrâneo, com uma história densa e antiga repleta de guerras e de violência, montado sobre uma espécie de controle político de grupos religiosos diversos, tem o legado de uma guerra civil que parece atualizar o seu destino de país em eterno conflito. Invadido, disputado externo e interiormente, o país vive sob tensão permanente. Esse parece ser o escopo de Monsalim, sua síntese, origem e destino: a tensão.

O acontecimento de uma guerra não evoca apenas o sentido geopolítico próprio dos conflitos pela hegemonia das nações que comandam o mundo desde o início do século XX, por exemplo. Além das mortes, do abalo no funcionamento das instituições, na influência vertiginosa na economia, na disputa do poder, nos negócios mercantis e de todas as ordens trançados pelos grupos que divergem, compõem as suas forças, há um conjunto de assombros que foram delineados por Jorge (2012, p. 21):

Estendível até seus olhos, as cercas de arame farpado, nascidas assim, no meio da noite, feito cogumelos, a dividir terras libanesas. O pior podia chegar a qualquer momento, vindo dos ares ou das areias, num rumo por onde subiam as pipas e os ventos. E em um campo que não respondia por ser campo, as crianças, em seu tempo, brincavam indiferentes aos perigos das minas, sem saber do que era certo ou errado. A visão de mundo larga demais para seus entendimentos. O que encontrariam pela frente? Bombas? Metralhadoras? Balas? Para onde iriam? O que poderiam fazer? Onde brincar se tudo guardava o perigo da morte? Havia as minas prontas para explodir ao menor toque dos pés ou das mãos. As mães oravam para os filhos não se aproximarem delas, mas nem sempre as rezas valiam e, vez por outra, um menino voava pelos ares junto com a pipa que fora buscar presa num arame farpado, num preciso momento de medo e descuido, e aquela vez era vez de angústia, desespero e morte.

Angústia. Desespero e morte. Uma mente assombrada pela guerra, sob a iminência da morte, lançada no fluxo de balas tende, como aponta a narrativa, a procurar encontrar explicação, solução e um mínimo de esperança:

O fogo da guerra podia ser cortado, de vez em vez, mas era muito no momento em que durava. Quando abria um dos olhos de verdade, porque o outro ficava nas trincheiras, havia alguém tombando de morte. Achava-se no direito de rezar e pedir pela própria vida, de correr e se esconder feito bicho, de contar as caixas de balas, decidido a esperar pelo reforço que certamente viria. Sentia-se um urso, um leão acuado num canto. Buscava um gesto de razão para aquela guerrilha de silêncio, de tocaia, de coisas acontecidas na ponta do aço. Quanto desgosto! A barba que começava a despontar enfileirava-se no queixo duro. Ninguém para lhe dizer que a maldita guerra acabou, ou vai acabar, está acabando, que não tinha significado ver o céu tão perto e não poder entrar dentro dele. O inferno era o que os aguardava, com outra coisa não se devia contar (JORGE, 2012, p.21)

Sob a perplexidade da guerra, entre o medo, a angústia e a esperança, a situação de guerra exorbita-se em todos que vivem: “[...] Vou fugir para o Brasil, entendo que lá é lugar bom para se ganhar a vida, se enriquecer de verdade” (JORGE, 2012, p. 23). A decisão de fugir para o Brasil e compor a estatística dos refugiados de guerra, cordão humano da única escapatória do enredo de balas, não apagou o sinal da guerra em Monsalim – e, provavelmente em todos que fomentam este tipo de migração.

Ao sair do país fervido pela guerra, o remorso, a separação repentina dos outros entes da família, a mudança de hábitos, dos costumes e os sonhos deixados de sua terra natal, integram outro cenário belicoso, talvez mais pungente: a guerra íntima. Guerra íntima é esta que Jorge vai fundo em sua narrativa: “[...] Quando mais ele se debatia em ânsias, mais ele sofria. Parecia estar em guerra, uma guerra íntima consigo mesmo” (JORGE, 2012, p. 24).

A metáfora movente do enredo – o punhal na garganta de Monsalim – por certo traduz os atropelos da guerra íntima ocasionada pela guerra do país; uma guerra não se faz sem a outra, a carne é o alvo, mas a alma sente a bala antes do toque do gatilho. Assombros e fantasmas, demônios e maldições, registrados no inconsciente não eram, por conseguinte, apenas lembranças “de um soldado morto ou ferido, alguém tentando revivê-lo, exato e apressado em chamados e massagens no coração” (JORGE: 30). Era a sua guerra invisível, essencial, lograda no espírito como se a alma fosse flechada de balas e por um perigo lhe rondando em suas zonas insondáveis.

De tal maneira que o desejo de fugir para outro país e procurar uma paz sabida não encontrada no Líbano pouco adiantou. Assim, a pergunta crucial e decisiva seria: como tirar aquele punhal da garganta de Monsalim?

Se não era possível tirar este punhal metafórico da garganta de Monsalim – ou de seu inconsciente -, pois quem participou de uma guerra dela não sai, em estado extremo na guerra íntima, seria “preciso encontrar outra alma que me sustente fora da escuridão”.

Na condição de mostrar a ambiguidade do personagem entre duas guerras, o escritor acena para dois componentes universais que compreendem a guerra íntima da condição humana. Não se trata, por isso, de pensar apenas a situação extrema de Monsalim, mas a de todos que possuem carne,

coração, cérebro, pensamentos, juízos. Esses dois componentes de universalidades incontestes da condição humana são o afeto e o desejo. Ambos em intersecção, em debate, o primeiro solicita a plenitude, o outro a devassa.

A mira da narrativa ao extrair da realidade – a guerra do Líbano - o plano de sua consecução exerce o que Paz (1956) considera ser um dos valores precípuos dessa arte de palavras, a literatura: dizer o tempo e o espaço fundado em imagens que fazem da ficção o canal do conhecimento; e translada o conhecimento por meio da ficcionalização dos dramas humanos universais, todavia diferenciados na imensa – e infinita - possibilidade de encontrar o Outro e exercer a história como face objetiva e subjetiva.

Melo (2010, p. 108) ao caracterizar o romance brasileiro contemporâneo explica que,

Carregado de maior ou menor tensão entre o indivíduo e o mundo, o romance brasileiro contemporâneo procura denunciar realidades opressivas, provenientes da miséria social ou interior, que produz um deslocamento irreconciliável entre a parte e o todo [...] entre outras narrativas, o romance explora não apenas a alma humana em seu interior, mas o faz através da renovação completa da linguagem literária, mesclando elementos poéticos e extraliterários.

A chave mestra da história, a desventura de Monsalim entre a guerra externa e a guerra íntima, sob a tensão do todo e encarnando na vida individual os condicionamentos desse todo, redundando na expressiva contribuição do romance contemporâneo na elucidação do sujeito atual.

Desta feita, tal como o romance se apresenta atualmente, não se vale apenas em juntar na narrativa os vários gêneros da arte, a tragédia, a comédia, a ironia, o suspense, o drama, a ironia, o humor, trata-se de mostrar que todos os gêneros acometem os temas da vida. A paixão, a solidão, a consciência da morte, o conflito diário, a instabilidade, a neurose, a ansiedade, o desespero, a depressão são marcas de um mundo de fluxos de mercadorias, objetos, símbolos, ideologias.

O romance, assim, não é apenas *mimesis*, pois invenção de linguagem; não é apenas expressão de um tempo, pois criador de possibilidades. Além de documento é pauta dos desafios que gravitam em torno da vida de todos. Não, por acaso, o romance tende a se fragmentar em termos de formas de narração, modos de esculpir os personagens, organizar as situações da trama. O que verdadeiramente se fragmenta são os esteios que fundam as realidades. Não há, por exemplo, apenas uma causa, duas forças se opondo, os espaços são complexos, assim as narrativas, mas principalmente a alma humana. O sujeito contemporâneo está imerso na instabilidade do mundo, é, ele próprio, o eco dessa instabilidade.

Jorge (2012), como fez Hatoum (2008), lança palavras com as fronteiras entre dois mundos existentes dentro da alma dos personagens. O aviso é “a nossa alma está em guerra”, há que lidar com

as ruínas da guerra e com os assombros da guerra diária, por exemplo, do mundo urbano, da instabilidade da economia, dos destemperos dos psicopatas, as redes organizadas dos narcotráficos, das mazelas institucionais.

Como foi dito anteriormente, o movimento do personagem Monsalim transido do punhal metafórico – rei deposto pela guerra – fora do eixo de sua “querida Beirute” – aqui, com a memória de lá, culposos e sobreviventes, vê o seu sistema subjetivo atravessado por uma terrível guerra íntima, lograda em dois componentes centrais da mente humana: o desejo e o afeto. Mas não é apenas Monsalim, são também os seus, a esposa, os filhos, as amantes, os comparsas. A guerra é contagiosa, tem o vírus da letalidade: atinge o centro da alma, corta o coração.

De alguma maneira, todos os seres humanos são aturridos por esta premissa: “as incertezas roem as razões, tocam fundo o coração” (JORGE, 2012, p. 135). O cenário subjetivo formado por incesto, culpa, delírio, alucinação, medo, pensamentos inconfessáveis, fantasmagorias, maldições, ódio, remorso – e toda sorte de dissipação de plenitude e equilíbrio poder-se-iam, de fato, conduzir a uma pergunta central: “Cadê sua alma, Monsalim?”. Esta pergunta poderia, igualmente, ser uma chave filosófica para inquirir o logo do sujeito contemporâneo: “Cadê sua alma, sujeito?”.

Tudo isso teria que apavorar o pensamento, transloucar o desejo: “mate-me agora, Nasta, que agonizo de prazer” (JORGE, 2012, p. 157). Ou:

[...] Monte em mim, feito uma loba e tome posse do meu corpo como se tomasse posse de um poldro. Porque meu corpo tem seus desejos subterrâneos e precisa ser tocado de maneira inquieta e cega, quando como iniciava a minha mocidade, montado em pelo no cavalo negro, a cavalgar pelo bosque, dentro das matas, pronto para entrar na enormidade louca dos amores fortes e sedentos (JORGE, 2012, p. 156).

Parece-nos que a lição é que a guerra íntima de Monsalim é, de alguma maneira, a guerra íntima da condição humana situada na relação difícil entre vida objetiva e desejo, entre afeto e sexualidade, entre poder e medo e, especialmente entre prazer e morte. A narrativa desbrava esse terreno com coragem e força:

O cheiro de capim amassado, de estrume de gado, de lixo, de sexo brutal impregnava-se nas dobras das narinas dos meninos. Mas essa coisa não era tão fácil assim. Era mais angustiante que prazerosa, porque doía um pouco, porque o caralho envergava um pouco sem conseguir boa penetração. Elas bem que podiam colaborar mias e colaboravam. Para a surpresa dos garotos, as meninas colaboravam de tudo o que era jeito. Subiam direitinho no pau deles, sem nenhuma surpresa, numas artimanhas que valia a pena de se ver. No fundo, sempre se entendiam, e eles eram aprovados pelas boas artes de se fazer a metecção no chão empedernido de capim e poeira. Nunca poderiam imaginar que tirariam da boca pedaços de capim, de cabelo, ou mesmo laivos de terra seca, ouvindo-as dizerem: Estou manchada de sangue. Você arrebentou comigo, seu porra de uma figa! Depois, os irmãos saíam curtindo o nojo, o desprezo, o desgosto de aguentar o cheiro ruim do corpo mal-

lavado daquelas meninas, ou dos cabelos ruins emplastados de sebo de carneiro (JORGE, 2012, p. 157).

A partir da intersecção da guerra da nação, da guerra geopolítica, da guerra religiosa, por território e de negócios, Jorge usou a narrativa para adentrar os pleitos da existência humana nas mais diversas situações. Numa espécie de motim do desejo e de fratura do afeto, a narrativa elabora cenas explícitas fazendo eco à liberdade enunciativa própria do romance. Expressões rasgadas ganham volume: “Alucinada masturbação” (JORGE, 2012, p. 172); “Tá vendo a velha mijar” (JORGE, 2012, p. 173). Mas há situações poéticas que tem validade científica de acordo com paradigmas atualizados como, por exemplo, a física quântica: “Tudo o que está dentro de você será refletido no seu rosto” (JORGE, 2012, p. 207); “A vida tem muitos lados e é impossível não se ferir em um deles” (JORGE, 2012, p. 418).

Em suma, o romance de Miguel Jorge urde narrativas que palmilham o enredo do espaço, do sujeito e da existência. Revela o mundo, suas contradições e conflitos, a partir da existência de sujeitos assaltados pela guerra e pela migração forçada.

Espaço e existência: o traslado para o mesmo

Ao pé de vários personagens, o autor insere axiomas e pressupostos centrais de uma análise da existência. Expressões como “A vida é mistura de coisas juntas...” (JORGE, 2012, p. 177) e “A pura energia das coisas a rodear o quintal. Todos os movimentos em constante ordenação” (JORGE, 2012, p. 191) se juntam a elementos centrais como o debate contemporâneo da alteridade e do narcisismo visto, por exemplo, em “Aquele para quem nada existe além de sua própria imagem” (JORGE, 2012, p. 195) ou a interrogação central de cunho psicanalítico: “Tem inimigo pior do que o outro lado da gente?” (JORGE, 2012, p. 201), e “os desejos são o inferno dentro dele (JORGE, 2012, p. 202)”, mostram a intertextualidade rica do literato com peças fundamentais da ciência que se desdobrou do início do século XX até o presente momento. Assegura também a possibilidade da narrativa romanesca de revelar o mundo por meio da existência, Melo (2010, p. 136) esclarece:

São incontáveis os temas e a forma do romance. Sua diversidade é diretamente proporcional a de escritores, às centenas de obras produzidas nas últimas décadas, ao crescimento da desordem urbana e da complexidade social, ao avanço da tecnologia, à rapidez das informações, ao descontrole da violência e do tráfico, à superficilização das relações. O romance conquista lugar no novo milênio através de obras que pensam o país sob diferentes óticas, ora adentrando os espaços difusos da memória, ora desbravando realidades desconhecidas do país, ora sobrevoando as metrópoles, ora atravessando as fronteiras da nação.

Poder-se-ia mencionar que a literatura é a arte da história que, por sua vez, é o documento das possibilidades da existência. Esta sim é a vida dando o pulo do corpo às imagens e às representações pela consciência, pelos símbolos, pelo diagrama da comunicação e da linguagem, artefatos da cultura. Mas não há vida sem espaço, sem território, sem lugar.

Diante disso, o que está em questão é um modo de ler o espaço pela existência, valendo-se de uma máxima geográfica: o território somente tem sentido porque os seres humanos, em relações sociais e existenciais, ocupam-no, usam-no, outorgam-lhe valor, distinção, limites. De maneira que as práticas sociais dos indivíduos e suas tramas existenciais tecem os lugares a partir de marcas culturais. Poder-se-ia dizer: as práticas temporalizam o espaço.

No caso específico da trama romanesca, em geral, e da narrativa jorgeana em específico, o liame do espaço de dois países – Líbano e Brasil – encarna o ser. Monsalim é a guerra libanesa e ao mesmo tempo a assimilação do Brasil. Às vezes, os seus pés caminham no espaço daqui, mas a sua cabeça não sai de lá. No seu transmundo o que está presente é o punhal na garganta, a solução é contrapor o prazer – exacerbado – à angústia. As reminiscências e a nova codificação da vida estão delineadas na narrativa em forma de diálogo ou fluxo de memória.

A cabeça cortada de um inimigo puxada por uma corda era como se fosse a marcação de que aquele pedaço de chão pertencia a nossa pátria e não se permitia que intruso algum botasse os pés nele, pois as vastidões daquelas terras secas e poeirentas estavam cadastradas com o nosso sangue, o bom sangue árabe (JORGE, 2012, p. 448).

A narrativa prossegue:

O paraíso para nós era a nossa cidade, as nossas casas, a nossa família, a terra que possuíamos. O céu estava onde estávamos e não precisava morrer para conquistá-lo. O paraíso era construído por nós mesmos, com nossas próprias mãos. As casas, os jardins, os quadrados internos onde se instalavam as fontes de água, as esculturas, as plantas ornamentais e onde os pássaros exibiam suas cores exóticas. Isso era o nosso paraíso, não era mesmo, Axerim [...] Agora, o nosso paraíso é aqui, neste país que nos acolheu, Monsalim (JORGE, 2012, p. 448-449).

A operação da memória, solução e flagelo, transita entre dois tempos e dois espaços. Quesito humano que redime e faz sofrer, uma vez que obriga a todos a enfrentarem o presente e ter que lidar com o passado, nos exemplos expostos, a memória mostra os hiatos entre um tempo bom anterior a guerra e um espaço que deverá se enfrentar, produzir a existência: “o paraíso é aqui, neste país que nos acolheu”.

O drama existencial da perda das origens junta espaço e tempo: “Peco a Deus para a gente reencontrar a nossa história e não se perder no entrelaçamento do mundo” (JORGE, 2012, p. 451). A exclamação piedosa atina para o fato de que a perda do espaço recai na perda da história. O que está em jogo, na existência do migrante que é obrigado a deixar o seu país, é perder a história de seu povo

e, então, perder-se no horizonte de um tempo. Essa perda pode ser nomeada de desenraizamento, processo social que retira a cumplicidade da vida com os pares, suspende os pés, a cabeça, o sentido de viver. Sem raiz o corpo torna-se galho ao sabor da força dos ventos. Que ventos são esses?

Os castelos, os reis e os deuses de carne e osso caem sempre, apesar das reverências e bajulações de seus súditos. Haverá sempre um traidor vestido de azul e com sorriso nos lábios para usurar-lhe a vida. Cuidado, muito cuidado, meu Said, que a hora não é para mostrar os dentes e nem a coroa. Todos nós vivemos de pão e de desejos, mas os seus são muitos perigosos (JORGE, 2012, p. 451).

A síntese universalizante – “todos nós vivemos de pão e de desejos” – numa espécie de amarração feita de dois pensamentos marcantes e decisivos na leitura moderna e contemporânea do sujeito e do mundo: Marx (2008) ao falar que o “trabalho constrói o mundo” e Freud (1996) ao preconizar “o ser humano é impulsionado pelas pulsões do desejo”, não apenas expõe a magnificência da arte: elaborar a síntese por meio do conteúdo estético, mas estremecer os modos de percepções escravizadas e manietadas pelas máquinas controladoras da subjetividade.

Em se tratando da viagem de Monsalim – do Líbano ao Brasil, de Beirute a Goiânia – os dois componentes, trabalho e desejo, costuram o elo da sua ambiguidade: por mais que tem habilidade em desenvolver a arte do comércio, em enxergar o movimento do mercado, suas artimanhas, o seu êxito no mundo objetivo não tem equivalência ao mundo subjetivo. O seu desejo destemperado lança-o ao mesmo: continua em guerra. Aliás, guerra de Monsalim, guerra de todos: se ao sujeito moderno e contemporâneo o desafio do equilíbrio emocional num mundo objetivamente desequilibrado redundava na angústia e no disparate, agenciar o desejo em meio ao mundo ruidoso, polifônico, culposo, frustrado depende de armas simbólicas. De fato é a guerra do demônio contra os deuses, do gozo com a ética, da sociabilidade com a vontade.

A negociação territorial do migrante: novas paisagens, mundos cruzados

Não é exagero afirmar que o mundo moderno e contemporâneo é forjado por várias diásporas: são escravos negros apossados pela batuta colonialista; são fugitivos de guerras que pulam ao mar sem destino e sem direção, ou são os que, não desejados, são expatriados das grandes potências econômicas. São famílias inteiras que evadem da fome e procuram a paz em outros países, quase sempre suprimindo a barreira da língua, dos muros e dos continentes; são exilados políticos submetidos às ditaduras impiedosas e cruéis.

A literatura de vários campos científicos, especialmente a vinculada ao campo das “ciências humanas” ocupou-se em mostrar os diferentes tipos de migrações, classificando-as, dirimindo causalidades, efeitos e impactos. E mais: tratou-se de pontuar sentidos, intencionalidades, direções e

tipos. Migrações internacionais, inter-regional, rural-urbana, urbana-urbana, de transumância, urbano-rural, pendular.

Entre todas se revelou várias questões teóricas a serem refletidas: a influência causada nos lugares de origens e nos lugares de destino; o problema econômico ligado à disputa pelo mercado de trabalho, valor de renda, mobilidade social, aquecimento de mercado; a desigualdade regional e o desafio ao planejamento territorial, público ou estatal; as dimensões políticas e o modo como, em muitos casos, o migrante compõe os colégios eleitorais: a dimensão cultural, ética e jurídica; os aspectos psicológicos e subjetivos, como o banzo, a saudade, o desejo de retorno, a dificuldade de adaptação, a revolta, o modo de lidar com a memória, com o assombro da perda do lugar de origem; a qualidade social da vida do migrante no novo lugar ou, inclusive, os problemas sociais que é obrigado a enfrentar como o da moradia, transporte público, violência. E deve ser acrescentado: a reflexão do processo migratório contorna situações complexas que, por exemplo, a chave explicativa sintetizada no jogo “atração-repulsão”. Nele se encontram também esferas multiescalares, como as diferenças dos países, os modos que cada cultura acolhe e acomete o olhar xenófobo; as cicatrizes carregadas, o desejo de retorno.

Um traço dessa complexidade é o estranhamento, especialmente quando há uma diferença, tal como entre Oriente e Ocidente, que pode se traduzir em choques culturais. Em muitos casos, o migrante sente-se mutilado por não falar a língua como os nativos, por ter hábitos, crenças e costumes diferenciados do povo do lugar em que chegou. Pelo lado do território onde chega, pode haver – como houve e há – repulsas em forma de xenofobia e toda sorte de representação negativada, tratando o migrante como “ladrão de lugares”.

De uma maneira ou de outra, o migrante, notadamente o que cruza a barreira dos países, precisa desenvolver táticas de aproximação com a nova cultura, mas tem o desafio de não ver evaporar as suas origens, o sentido ontológico que constituiu a sua subjetividade. No transe da adaptação necessária e sem poder esquecer as origens, cabe ao migrante desenvolver negociações sociais e simbólicas. Aceder o novo território, sem perder o que lançou ao mundo.

Como foi avaliado, Monsalim veio para o Brasil e trouxe a guerra dentro de si. Deixou o espaço em que zunem as balas e estraçalham-se a carne, a boca, o nariz, a cabeça, todavia tem um dinamite no centro do pensamento, do desejo e do afeto. Embora sob essas condições é obrigado a estabelecer um negócio com o novo lugar.

O tirocínio do escritor em questão, ao fazer uso de um conjunto de modos de narração, capta a dimensão existencial dessa negociação, a começar por dar uma pista geral do lugar por meio de um diálogo entre os seus personagens:

Tem gente que chama isto aqui de sertão. Mas sertão não é não. É o primeiro lugar que meus olhos viram, e eu era pequena. Depois, lá pela tardinha, eu pegava a olhar para esta paisagem cheia de caramujos e dos cupins, quase um descampado, e via era muita cobra, muita coruja, lagartixa, uns bichinhos espalhados pelo capim; uma umidade que não sabia de onde vinha, pois a chuva, às vezes, surgia na forca de um temporal, abrindo um clarão por entremeio aos arbustos retorcidos na segura do tempo. Aquilo me dava um tremor por dentro, nem sei se por beleza, tristeza ou desamparo, porque a chuva era mais de poeira do que de água, e eu ficava a ver a nossa casa perdida no meio daquilo tudo, quase que curvada, ajoelhada a pedir clemência a Deus pelos pecados que cometi. Aí ouvia a voz da mãe a gritar: entra pra dentro, menina, ou quer morrer debaixo de granizos? Esse lugar é um sertão que nunca foi, sodona, pois tem espalhado por aí, uns buritis cheios de orgulho por serem buritis, se agrupam num pedaço de brejo, sempre verdinhos, com o vento a bulicar suas folhas. Sertão não pode ser, não, sodona, acho, a senhora me desculpe se estou errada. O silêncio que aqui se faz tem seguimento só nos pios dos passarinhos, no diacho das moscas zumbidoras, e mais ainda na arrumação dos ninhos das jararacas, que se ajuntam por aí, nas locas, nas talhadas de terra socada pelo vento, no entrecruzamento das pedras arriadas nos baixos das pedreiras. Mas é o sol, sadona, que fecha tudo isso aqui com sua taramela de ouro e queima, e queima de fogo este chão, várias vezes no correr do dia (JORGE, 2012, p. 277).

O passeio pela biodiversidade do Cerrado, uma exposição interrogativa sobre os vários sentidos da palavra Sertão, permite que a narrativa adentre o universo do Cerrado de maneira sutil, detalhada, minuciosa. Aqui estética encarna a crítica, esta esposa o significado da ficção. A fotografia da paisagem sob a espreita do olhar não de Monsalim, mas do mundo em que se situava, ganha aura crítica:

Antes, por aqui, se via o verde das matas misturado com o verde dos pássaros. A qualquer hora os passarinhos se achegavam, e eram de cor vermelha, amarela, cinza, preta, outros com manchas brancas a clarear-lhes o peito. Azul. Azul mesmo de dar gosto, só o das araras. E, não era guerra, não, pode acreditar, foram as máquinas que passaram por aqui e meteram abaixo as árvores todas. Chorei, mas não de lágrimas, somente por dentro, com dó dos angicos, dos ingazeiros, dos pés de jatobás, das paineiras que davam sustento e proteção para o povo dessa banda de cá. Eu e a Norinha, nos dias de proveito, andávamos atrás dos pés de guabiroba, caju, mangaba, araticum, marmelada-cachorro, naquela beira de descampado, que tem outra serventia diferente da mata erguida do lado de cá (JORGE, 2012, p. 279).

Não se trata aqui de reconhecer o modo como o literato serve da narrativa para expor, por meio do diálogo de seus personagens, a sua visão do Cerrado e o seu senso crítico. Interessa-nos adentrar o mundo de Monsalim, apalpar as terras de sua fazenda. Posteriormente, no trajeto para a metrópole goianiense continua o processo crítico:

Sim, meu Capitão.

O que dizem as pessoas da alta sociedade?

Os homens se preocupam com carros, esporte, viagens internacionais, amantes caprichosas, enquanto as mulheres falam da moda, dos vestidos, das bolsas, sapatos, das plásticas nos seios, rosto, bundas e barriga, das fotos nos jornais e revistas (JORGE, 2012, p. 444).

Ao observar o modo de falar e o que falam a partir de uma situação de classe, a narrativa patenteia o sentido crítico: “A maldita modernidade vira o mundo pelo avesso e causa tanta separação entre os casais. Não há muita originalidade nisso, não, Axerim. As pessoas se isolam cada vez mais, e isso não é bom. É um engano...” (JORGE, 2012, p. 439). E mais a frente estende o olhar à nova situação espaço-temporal: “Agora os tempos são outros. Petróleo, armas, munições, terras, drogas, plantio, soja, cana, ouro e naturalmente esmeraldas” (JORGE, 2012, p. 456).

A junção de repertórios discursivos da narrativa, os diálogos, as cartas, os fluxos de memória, as histórias e toda sorte de criação resguardando o poder da palavra em enunciar e, ao mesmo tempo, provocar e inquietar, destina o texto para um passeio em objetos da cidade de Goiânia, como a catedral, as feiras, as ruas, árvores, flores, chás. Os seus personagens seguindo a esteira da história contorna, com precisão, a referencia crítica que não separa Goiás da ontologia brasileira. Os componentes renitentes e atávicos da cultura brasileira alicerçam o enredo:

Sim, porque homens de todos os interesses viviam juntos o tempo inteiro, quando não, sem o povo saber, uns e outros se procuravam nas sombras dos escritórios de um grandalhão da política ou das empreiteiras para firmar suas escusas negociatas. Tráfico de influencias, coisa corriqueira e sempre posta em prática nas grandes cidades... (JORGE, 2012, p. 603).

Na fala de uma das várias amantes de Monsalim, o sentido filosófico é sintetizada, “precisava encontrar uma nova visão de vida até então ignorada” (JORGE, 2012, p. 613-614).

A visão de mundo patenteada na referência filosófica do autor em forma de crítica dá o veredito ao responder o que é o inferno: “Inferno: nós o criamos, como se cria a miséria, a ganância, a usura, a essência de uma linguagem áspera e estranha” (JORGE, 2012, p. 619).

Monsalim criara o próprio inferno com a culpa, com a incapacidade de se livrar da guerra íntima. Suas conquistas terrenas se degeneraram no pacto com o demônio. Embora exitoso nos negócios gerados no novo lugar, não se livra do passado. E há como alguém se livrar do passado?

A memória é fonte de descoberta; igualmente é componente de ajuste de um indivíduo consigo mesmo e com o seu lugar de vida, ademais, é a possibilidade de conhecer a origem e, portanto, alavancar passos no futuro. Como é a memória do trauma? Mais que trauma: Monsalim é um migrante de si mesmo, perdera-se, transbordou-se. No caso dele não há mais regresso.

Considerações finais

Campos da teoria literária e também os esforços recentes de geógrafos brasileiros, espanhóis, franceses – e de outros países – tem sustentado que as ficções servem para mobilizar e fomentar a

geração de utopias; essas, uma vez envergadas nos imaginários dos grupos sociais, constroem realidades e, sempre, as realidades, a trama humana, infinita, repleta de surpresas, circunscritas aos espaços e tempos, convertem em ficções.

Há, por assim ser, um entrelaçamento entre as verdades arroladas nas obras ficcionais com os fatos que permeiam um período histórico. Os temas que são descortinados nas narrativas romanescas, por exemplo, assim como os estilos literários que constroem os discursos narrativos, são, quase sempre, desde que bem delineados, dizeres do mundo por meio da faculdade imaginativa de conhecer o ser humano – e a sua aventura cultural, histórica, psicológica, objetiva nos vários espaços da terra.

A obra - *Minha querida Beirute* – de Miguel Jorge (2012) incursiona num tema precípuo do nosso período: a migração internacional. Deve ser advertido tal como referem os analistas de discursos: um texto quando denso se abre a diferentes leituras; o leitor completa a obra, abre-a, a faz viva com a sua interpelação cognitiva, com a sua experiência de mundo, com os seus objetivos mais ou menos claros. Assim vale para o escritor: a obra lhe escapa, pois entregue aos vaticínios do leitor. E lhe pode surpreender, pois a mediação da leitura não apenas constata, reinventa. Não apenas reinventa, apropria. Intertextualiza-a.

Como foi explanado, a migração internacional em dias atuais, é um fenômeno que compõe o *the world a flow* – um mundo de fluxo que tem várias causas, entre as quais, a geopolítica posterior a Guerra Fria; os avanços tecnológicos; o processo de mundialização do capital; as alterações e os reordenamentos do trabalho; o desemprego estrutural. Mas também fatores antigos, como as guerras.

O que tem a ver guerra, migração, desejo e afeto? Ou, em palavras geográficas embebidas pela interlocução com a literatura: o que tem a ver a migração, o espaço e a existência? – estas parecem ser desdobramentos genuínos do romance de Jorge. O seu personagem central – Monsalim – encarna o transmundo, talvez expressa o mal-estar contemporâneo. Monsalim: capitão de guerra, capitão do amor e do sexo, deserddado da terra – e de si; migrante do território de origem, preso no próprio assombro em novas terras, o poderoso, o perdido, o angustiado, aqui e lá funda outro continente: o transmundo, fundado no pacto com o demônio, entregue aos caprichos da reminiscência, partiu e ficou, transbordou-se.

O acerto teórico com a obra nos convida a reconhecer que, de fato, a história precisa de um espaço para desenvolver-se. O migrante refugiado, fugitivo da guerra, banido pelo iminente perigo, culposo de deixar a sua pátria, se vê compelido a adaptar-se no novo lugar. É assim a premissa da existência, o dever diário. Mas a guerra não é um evento isolado, vai para a alma.

A narrativa de Jorge faz entrecruzar vários discursos, relatos de eventos, situações sensuais, informação do Líbano, contorna a vida e o lugar da mulher libanesa e se assenhora de outros gêneros,

as memórias, as cartas, a poesia incrustada, às vezes, em leves toques de força sintética – “[...] trazer-lhe a lua numa bandeja de prata” (JORGE, 2012, p. 30). Dessa maneira, a literatura se apodera de eventos reais e os reveste de sentidos estéticos, operando o veio elucidativo da imaginação: quanto mais se transgride mais universaliza a possibilidade do humano.

No caso a investigação geográfica do fenômeno migratório, ao proceder assim colabora para abrir novas chaves para a sua compreensão, enriquecendo-o e aglutinando o mundo concreto, a imaginação, a concepção estética e afirmando o valor da palavra para esclarecer, perguntar, desafiar a mente humana.

Referências

- AMORIN FILHO, Oswaldo. B. *A pluralidade da geografia e as abordagens humanistas/culturais*. 2015. Disponível em: <<http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/mesas/oswaldo-mesa.pdf>>. Acesso em: 10 de Março de 2015.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. *A pluralidade da geografia e o papel das abordagens fenomenologias no fazer geográfico*. Curitiba (PR), UFPR, 2006.
- ARIDA, Sandra G. Perez. *O percurso filosófico de Freud acerca da teoria do desejo*. São Paulo: Monografia, 2008.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. *Geograficidade*, Rio de Janeiro/RJ, v.5, n.1, 2015.
- _____. A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 1, n. 2, p.174-186, 2007.
- HATOUN, Milton. *Os dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MARX, Karl. *O capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Edição Standard Brasileira, 1996.
- MARANDOLA Jr. E.; GRATÃO, L, H, B. (Org.). *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010.
- MELO, Cimara Valim de. *O lugar do romance na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre, 2010.
- MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em Geografia*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1975.
- PAZ, Octávio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova fronteira S/A, 1956.
- TEZZA, Cristovão. *O espírito da prosa: uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012
- SUZUKI, Júlio César. Modernidade, cidade e indivíduo: uma leitura de A Rosa do Povo. *Percurso: Sociedade, Natureza e Cultura*, Curitiba, n. 7, p. 23-33, 2008.

(Recebido em 24-05-2018; Aceito em: 02-12-2019)